

# mar de ganância

clive cussler e graham brown

Tradução de José Manuel Lopes



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

# Lista de Personagens

## MEDITERRÂNEO — 1968

**David Ben-Avi** — Israelita especializado em genética, destacado em Jaros.

**André Cheval** — Cientista francês e chefe-geral do Projeto Jericó.

**Lukas** — Comandante e membro do SDECE, o órgão francês de informação externa.

**Gideon** — Diretor executivo do submarino israelita INS *Dakar*.

## AGÊNCIA NACIONAL MARINHA E SUBMARINA (NUMA)

**Kurt Austin** — Diretor da Divisão de Projetos Especiais da NUMA, um especialista em salvamento e resgate de fama mundial.

**Joe Zavala** — O melhor amigo de Kurt, gênio da mecânica, responsável pela construção de grande parte dos equipamentos fora do vulgar da NUMA.

**Priya Kashmir** — Membro em chefia da Divisão de Tecnologia da NUMA, confinada a uma cadeira de rodas devido a um acidente de automóvel, mas determinada a entrar numa equipa no terreno.

**Rudi Gunn** — Diretor assistente da NUMA, formado pela Academia Naval.

**Hiram Yaeger** — Gênio da informática em permanência, detentor de muitas das patentes da NUMA relacionadas com *design* de computadores.

**St. Julien Perlmutter** — Historiador e chefe de cozinha *gourmet* da NUMA, possui milhares de livros e de artefactos raros.

**Paul Trout** — Membro da Divisão de Projetos Especiais, tem um doutoramento em Ciências Oceanográficas e está casado com Gamay.

**Gamay Trout** — A principal bióloga marinha da NUMA, casada com Paul, Gamay dedica-se ao treino físico e costuma dizer exatamente o que pensa.

**Kevin Brooks** — Capitão do navio da NUMA *Raleigh*.

#### TRIPULAÇÃO DA PLATAFORMA PETROLÍFERA ALPHA STAR

**Rick L. Cox** — Gerente de operações e supervisor de perfuração da plataforma petrolífera Alpha Star.

**Leon Nash** — Especialista em trabalhos pesados e tripulante da Alpha Star.

#### NOVUM INDUSTRIA

**Tessa Franco** — Fundadora e diretora executiva da Novum Industria, uma empresa de energia alternativa de alta tecnologia. É também a *designer* da *Monarch*, uma aeronave anfíbia ímpar.

**Arat Buran** — Chefe volátil do Consórcio Petrolífero da Ásia Central, ex-amante e confidente de Tessa, atualmente envolvido com a Novum por meio de um acordo financeiro clandestino.

**Pascal Millard** — Geneticista francês alvo de censuras, agora a trabalhar para a Novum.

**Brian Yates** — Engenheiro e arquiteto das revolucionárias células de combustível da Novum.

## MERCENÁRIOS

**Volke** — Piloto de submersível e ex-mercenário que trabalha para Tessa, com várias competências.

**Woodrich** — Um fanático da ecologia que quer, a todo o custo, ver o fim da era do petróleo. É tratado por «Woods».

**Alexander Vastoga** — Ex-piloto de helicópteros russo e mercenário, que pode ser comprado por um alto preço.

## FLORIDA

**Peninha da Lua Nublada** — Especialista em eletrónica e velha amiga de Joe.

**Cantaril** — Pai de *Peninha*, sempre desconfiado das intenções de Joe em relação à filha.

## POLÍTICOS DE WASHINGTON

**Lance Alcott** — Chefe da FEMA, sempre a disputar o controlo das limpezas da Alpha Star.

**Leonard Hallsman** — Ex-geólogo, agora subsecretário de Recursos Nacionais e Segurança Energética.

**James Sandecker** — Vice-presidente dos Estados Unidos, fundador e ex-diretor da NUMA.

## B E R M U D A S

**Macklin Hatcher** — Capitalista de risco muito rico, identidade falsa assumida por Kurt Austin.

**Ronald Ruff** — Assistente de Hatcher, identidade falsa assumida por Joe Zavala.

## I S R A E L

**Almirante Natal** — Almirante israelita, velho amigo de Rudi Gunn, atualmente encarregado do Escritório de Registos Navais em Haifa.

## N A V I O S E A E R O N A V E S

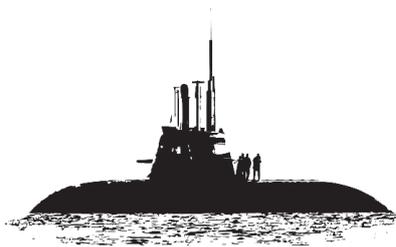
**INS Dakar** — Submarino israelita comprado aos britânicos, desapareceu durante a viagem do Reino Unido para Haifa, em janeiro de 1968.

**Minerve (S647)** — Submarino francês que desapareceu em 1968 a aproximadamente cinquenta quilómetros de Toulon.

**Monarch** — Aeronave anfíbia de larga fuselagem projetada por Tessa Franco e construída no Cazaquistão.

**Gryphon** — Barco de sustentação dinâmica bem armado da NUMA, utilizado em ambientes perigosos.

**PARTE UM**  
**O DESAPARECIMENTO**





*ILHA DE JAROS, MAR EGEO  
JANEIRO DE 1968*

DAVID BEN-AVI CAMINHAVA POR UM CARREIRO NA ILHA ROCHOSA DE Jaros, varrida pelo vento. O terreno estéril tinha apenas cinco quilómetros de comprimento e não mais de um de largura no seu ponto mais extenso. Situava-se num local isolado do Mediterrâneo, a cento e sessenta quilómetros a noroeste de Creta. Embora estivesse oficialmente desabitada, Ben-Avi e uma dúzia de outros indivíduos utilizavam-na como local de residência há já quase dois anos.

Com as mãos enfiadas nos bolsos, Ben-Avi manteve o rosto contra o vento, caminhando rapidamente. O ar mediterrânico podia ser frio em janeiro, mas parecia-lhe fresco e puro em comparação com o do laboratório abafado e com o das casernas apertadas em que viviam.

A solidão também não era má... enquanto durou.

— David — disse uma voz atrás dele. — Onde é que vais?

As palavras foram proferidas em inglês com um distinto sotaque francês.

Ben-Avi parou de imediato. *A mãe-galinha já o encontrara.*

Voltou-se e viu André Cheval, a correr atrás dele. Este era o chefe do contingente francês na ilha, mas também atuava como chefe-geral de todo o grupo. Andava sempre atrás deles por causa de qualquer coisa: lixo no recipiente correto, apagar as luzes exteriores depois do pôr do Sol, cuidado junto às falésias...

Estava vestido com roupa de passeio e tinha um casaco de lã que entregou a Ben-Avi. — Veste isto. Está um frio de rachar aqui fora.

O *frio de rachar* era um exagero, mas Ben-Avi agarrou no casaco sem objeções pois sabia que não devia discutir.

— Onde vais? — perguntou Cheval.

— Sabes bem onde vou — retorquiu Ben-Avi. — Até à falésia, para ver o pôr do Sol e pensar.

— Eu vou contigo — disse Cheval.

— Será que não posso ir a lado nenhum sem um acompanhante?

— Claro que podes — retorquiu Cheval. — Não és um prisioneiro.

Isso era verdade. Ben-Avi e os outros estavam naquele local como parte de um projeto de pesquisa conjunto franco-israelita. Todos eles se tinham oferecido, porém, após tanto tempo na ilha árida, com apenas a chegada mensal de um navio de fornecimentos para quebrar a monotonia, parecia que estavam a contar o tempo, à espera de serem libertados.

— Tenho a sensação — observou Ben-Avi — de que todos os que vêm para Jaros devem, até certo ponto, ser prisioneiros. Os gregos mantiveram aqui os rebeldes comunistas capturados após a Segunda Guerra Mundial, os turcos usaram-na cinco séculos antes disso, e os romanos escolheram este local desolado para exilarem uma filha problemática do imperador Otaviano.

— A sério? — inquiriu Cheval.

Ben-Avi assentiu com a cabeça. Ao mesmo tempo, perguntava-se como é que o francês poderia ter vivido na pequena ilha durante tanto tempo e não conhecer esses factos.

— Pelo menos os romanos preocuparam-se mais com este lugar — apontou Ben-Avi. — Tudo o que os gregos fizeram foi construir aquelas terríveis cabanas de pedra onde estamos alojados. Os romanos esculpiram o porto a partir de rocha sólida. Montaram bacias de captação, cavaram uma série de túneis e cisternas subterrâneas para reterem a água da chuva, e até descobriram uma maneira de usar o calcário para a purificarem e evitar que ficasse estagnada. Deverias mesmo dar-lhes uma vista de olhos, são coisas notáveis.

Cheval anuiu com a cabeça, mas não pareceu impressionado. — Parece que a filha do Otaviano tinha uma prisão melhor do que os rebeldes comunistas.

Os dois homens continuaram a andar, ainda que, devido ao facto de o caminho estreitar em alguns lugares, Cheval caminhasse meio passo atrás.

— Então, em que é que pensas quando estás aqui fora? — perguntou Cheval. — Em regressar a Israel?

— Nisso e nas consequências do nosso trabalho — retorquiu Ben-Avi.

— Não me digas que estás com dúvidas? É um pouco tarde para isso. O projeto está praticamente terminado.

Ben-Avi parou e olhou de soslaio para o francês. O projeto, como ele lhe chamava, era um gigantesco passo em frente num novo ramo da ciência chamado Genética. Envolvia a manipulação de códigos celulares, alterando as instruções dos seres vivos. A área fora alvo de uma discussão em termos teóricos durante anos, porém, como em muitos empreendimentos científicos (tudo, desde a energia atômica aos voos espaciais), assim que os militares se mostravam interessados, os avanços aceleravam dramaticamente.

— Estamos a mudar os seres vivos — admitiu Ben-Avi. — A distorcer a vida, a criar nova vida, e essa é uma responsabilidade incrível.

— Sim — afirmou Cheval. — Houve quem sugerisse que estávamos a alterar os desígnios de Deus. Também és dessa opinião?

— Qual deus? — respondeu Ben-Avi, desabridamente.

— Qualquer deus — disse Cheval. — O teu, o meu... o do universo em geral. A escolha é tua. É com isso que tu estás preocupado? Com a retribuição divina?

Ben-Avi retomou a caminhada, continuando, agora zangado, ao longo do carreiro. — Se Deus escolhesse este momento para entrar no assunto da retribuição, eu acharia isso bastante divertido. Iria perguntar-lhe onde é que Ele estava quando os nazis chegaram ao poder e a *Kristallnacht* ocorreu. Perguntar-lhe onde é que Ele estava quando os fogos se acenderam, de dia e de noite, nos campos de concentração para incinerarem cadáveres de judeus assassinados.

— Já vejo que o Holocausto abalou a tua fé...

— Não apenas o Holocausto — continuou Ben-Avi. — A guerra na sua totalidade. Eu era estudante de engenharia antes de ela começar. Por causa dos meus conhecimentos, o exército alemão arrastou-me para a Rússia com eles. O que quer que fosse que os alemães não matassem na sua incursão, os russos matavam no seu avanço. Depois disso, estava em Berlim quando os aliados a bombardearam por completo. Edifícios desfeitos em tijolos, tijolos desfeitos em pó. Os ataques aéreos ocorriam de dia e de noite, até o ar ficar negro e nós sufocarmos sempre que respirávamos. E isso não foi nada comparado com o bombardeamento de Dresden. É um milagre que alguém tenha sobrevivido.

Ben-Avi concentrou a sua atenção novamente no caminho, tinham chegado à secção mais íngreme. Quando atingissem o topo, ele poderia ver o oceano. — Se existe um Deus, ou Ele não se importa com o que façamos, ou ficou tão enjoado connosco que acabou por desistir da Sua criação. E quem realmente O poderá culpar?

Cheval assentiu com a cabeça. — Estás preocupado, meu amigo. Se não é Deus que te preocupa, então o que é?

— Preocupa-me o poder que pusemos à solta — afirmou Ben-Avi. — Todas as invenções do Homem, todas as descobertas já feitas, acabaram por ser usadas na guerra. Isto não será diferente. Ouve bem o que te digo.

— Assim sendo, por que motivo continuar o trabalho? — perguntou Cheval, com um tom mais incisivo. — Porquê esperar até que finalmente consigamos questionar os nossos atos?

Ben-Avi fizera a si mesmo essa pergunta centenas de vezes e já tinha uma resposta preparada. — Porque o mundo é um lugar duro e implacável e Israel deve fazer o que precisa para sobreviver. Com ou sem a ajuda de Deus.

— Por essa ordem de ideias, será cada país por si — observou Cheval. — É isso que me estás a dizer?

— Tem de ser — respondeu Ben-Avi.

Este estava a respirar com dificuldade ao subir a última secção que era demasiado difícil para que ele pudesse continuar a pregar. Chegou ao topo do penhasco e olhou para uma baía protegida. O mar estava calmo, o pôr do Sol brilhava, o longo braço do quebra-mar protegia o pequeno porto que fora construído pelos romanos. Mas o local não estava vazio como deveria estar. Uma embarcação longa, estreita e sinistra encontrava-se ancorada na baía, um submarino à superfície. A proa apontava para o coração da ilha como uma adaga.

Ben-Avi voltou-se e viu que Cheval estava a segurar numa pistola.

— Receio que tenhas razão — explicou Cheval. — É cada nação por si. Se nós não agirmos, o teu governo irá fazê-lo. E isso é algo que não poderemos permitir.

Um som de tiros abafados alcançou-os, vindo do fundo da colina. Começara uma luta. Não uma guerra de batalhas, mas uma escaramuça aqui e uma explosão acolá.

Ben-Avi começou a andar em direção ao acampamento.

— Não faças isso — alertou-o Cheval. O rosto do francês estava sombrio como se estivesse a executar uma tarefa que preferisse evitar. — Lamento

muito. Mas, se não tivéssemos agido, o teu país tê-lo-ia feito. O poder que libertaste com a tua *genética* poderá remodelar o mundo em que vivemos mais facilmente do que uma dezena de exércitos. Já é uma arma, e é uma ameaça para a França em particular. Não poderemos permitir que caia em mãos estrangeiras.

— Não — disse Ben-Avi. — É um impedimento. Não muito diferente das tuas bombas atómicas. Nunca seria usado.

— Receio que o meu país não se possa arriscar a tal — afirmou Cheval. O som de tiros adicionais chegava-lhes agora, vindo do acampamento.

— Então, estão a matar-nos? — perguntou Ben-Avi.

— Ninguém se deveria ferir — retorquiu Cheval. — Alguém deve ter resistido.

Ben-Avi não duvidava. Embora suspeitasse que os comandos franceses esperassem encontrar resistência. — E eu? — perguntou, com a voz cheia de desprezo pelo seu ex-amigo. — Será que vou cair de súbito pela margem da escarpa, ou vais matar-me antes de me atirares lá para baixo?

— Não sejas ridículo — retrucou Cheval. Ele acenou com a cabeça em direção ao submarino. — Tu vens connosco.

## 2



*SUBMARINO FRANCÊS MINERVE,  
A CERCA DE CINQUENTA QUILÓMETROS DE TOULON*

OITO DIAS DEPOIS DE DEIXAR A ILHA DE JAROS, O SUBMARINO FRANCÊS *Minerve* estava a aproximar-se do seu porto de origem em Toulon. Operava a doze metros abaixo da superfície, viajando a oito nós e usando motores a *diesel*, que engoliam ar através de um longo tubo de metal conhecido como *snorkel*. Estavam a viajar desse modo quase continuamente, desde que tinham deixado Jaros, e André Cheval mal podia esperar que fossem à superfície.

A claustrofobia de ficarem detidos debaixo de água era suficientemente má. O facto de o *Minerve* estar a transportar carga extra, além de equipamentos, fornecimentos e amostras de laboratório, piorava mais as coisas. A situação tornara-se quase insuportável dado que o submarino estava sobrelotado e a carregar quase duas vezes o número de pessoas expectáveis, devido à presença de Cheval, dos outros cientistas franceses e dos dez comandos também franceses que tinham realizado o ataque.

A corrosiva culpa por os comandos terem matado todos os israelitas, exceto Ben-Avi, não ajudava, e Cheval começara a beber todas as noites para conseguir adormecer.

Não obstante, estavam agora em águas francesas e quase em casa. Por essa altura, no dia seguinte, Cheval estaria sentado num café em Paris, esquecendo as suas tristezas ao ar livre, com uma garrafa de bom vinho.

Até lá, encontrava-se de pé na apertada sala de controlo do submarino, observando tudo o que se passava. Em frente dele, o capitão do *Minerve*

inclinava-se sobre as pegas do periscópio com o rosto pressionado no visor. Em intervalos de poucos segundos, voltava-se para examinar uma nova secção da superfície, *dançando com a senhora grisalha*, como os marinheiros por vezes lhe chamavam.

Finalmente, fechou as pegas e deu um passo atrás. — Nenhum navio à vista — informou ele. — Recolher o periscópio.

Quando o periscópio desceu, o capitão voltou-se para o oficial de rádio. — Aconselhar o comando. O tempo está a deteriorar-se. Ondas de dois metros e meio em mar picado. Permaneceremos à profundidade do *snorkel* até chegarmos ao canal.

Aquela notícia foi como um murro no estômago para Cheval.

E ele não era o único.

Um homem chamado Lukas estava por perto, pairando sobre as cartas de navegação. Lukas era o chefe da equipa de comando, membro do SDECE<sup>1</sup>, o órgão francês de informação externa. Era um homem severo na casa dos cinquenta anos.

— Será que temos de rastejar assim até ao porto? — perguntou Lukas. — Conseguimos um grande sucesso. Deveríamos chegar com dignidade, se não com bandas de música.

O capitão do *Minerve* fora marinheiro durante toda a sua vida. Como muitos no exército regular, desconfiava de agentes secretos, com os seus planos escondidos e com falta de supervisão. A sua resposta foi direta. — Quer realmente levar a embarcação até à superfície e tornar-se um alvo neste momento?

Lukas apontou para a carta de navegação e para uma linha vermelha, a aproximadamente quatrocentas milhas atrás deles, indicando a aproximação mais exata possível dos navios israelitas. — Não há navios israelitas a doze horas da nossa posição. Não há hipótese de nos poderem atacar.

— Eles também têm aeronaves, *Monsieur* Lukas.

— Não há nenhuma por perto. E nada com que os nossos combatentes dos *Mirage* não pudessem lidar.

— Poderá ter razão — retorquiu o capitão. — Independentemente disso, devemos permanecer submersos até ao último momento. E o senhor deverá ficar calado enquanto hóspede na minha embarcação.

Lukas enfureceu-se por ter sido repreendido, voltando as costas ao capitão e indo até à ré para se juntar aos seus homens.

---

<sup>1</sup> Acrónimo de *Service de Documentation Extérieure et de Contre-Espionnage*, ou seja, Serviço de Documentação Exterior e de Contraespionagem. (N. do T.)

Cheval olhou para o relógio, lutando contra a claustrofobia. Era quase manhã do dia 27 de janeiro. Eles tinham deixado a ilha ao fim do dia 19. Estavam quase em casa. Quando regressassem a terra, ele iria denunciar Lukas pelo que considerava serem crimes de guerra.

Embora nada pudesse fazer acerca dos que já tinham sido mortos, disse a si mesmo que iria encontrar uma maneira de evitar que Ben-Avi desaparecesse numa sepultura desconhecida.

*Três horas. Ele só precisava de manter a calma por mais três horas.*

— O *Minerve* chegará ao porto dentro de três horas.

As palavras vinham de um homem de rosto sombrio, de pé numa sala de controlo escura, muito semelhante à do *Minerve*. O nome dele era Gideon. Tratava-se do diretor executivo do INS *Dakar*, um submarino israelita comprado recentemente aos britânicos.

O seu rosto exibia duas semanas de barba irregular. Cicatrizes nos maxilares atravessavam-nos como sulcos num campo. Era alto para um marinheiro de submarino e falava com a cabeça baixa, para a manter afastada dos canos que corriam pelo teto.

— Os franceses roubaram algo precioso a Israel — relatou ele aos seus homens. — Somos os únicos numa posição capaz de os impedir de serem bem-sucedidos nesta última traição.

O *Dakar* estava há dois dias de Southampton a caminho de Haifa quando um sinal ultracodificado do alto comando israelita lhe interrompeu a viagem exploratória. Foi-lhes ordenado que prosseguissem para a Costa Sul de França a alta velocidade, e para aguardarem enquanto o alto comando inseria relatórios falsos de posição no registo e preparava reportagens e obituários, caso a sua missão de alto risco falhasse.

Durante quase dois dias, Gideon e os seus homens tinham estado à espera e a planear. Depois de finalmente receberem um contacto de sonar, e de confirmarem que era o *Minerve*, tinham-no deixado passar e haviam-se colocado por detrás do mesmo.

Rapidamente essa distância foi reduzida para cem metros. Tão perto que podiam ouvir os rotores do *Minerve* a girar sem usarem os hidrofones.

A tarefa seguinte parecia impossível de realizar. Gideon e os seus homens não eram comandos, a maioria nem sequer era composta por marinheiros experientes, mas cada um deles estava pronto para lutar e morrer pelo seu país.

Gideon explicou. — Nos velhos tempos, as batalhas marítimas não eram ganhas por marinheiros, mas por soldados. Os romanos, os fenícios e os gregos embatiam nos barcos dos seus inimigos e depois abordavam e invadiam a embarcação inimiga, onde a luta e a matança eram feitas à mão.

Os homens observavam sem pestanejar. Os seus rostos calmos ocultavam o desejo de corrigir um erro terrível. Não sabiam exatamente o que estava em jogo, mas sabiam que os franceses os tinham traído uma vez mais.

Após promulgarem um embargo de armas a Israel durante a Guerra dos Seis Dias, após terem mantido um esquadrão de aeronaves *Mirage* e uma pequena frota de barcos-patrolha pelos quais Israel já pagara, depois de repentinamente se terem aproximado dos inimigos árabes de Israel, os franceses tinham cruzado uma linha que não poderia ser tolerada. Tinham matado cidadãos israelitas e haviam-se apossado de uma coisa pela qual o alto comando israelita estava disposto a arriscar uma guerra.

— Isto não irá ser fácil — insistiu Gideon. — Não houve qualquer navio abordado ou capturado nestas águas durante muitos séculos. Mas há um que irá ser abordado e capturado hoje!

Os homens aplaudiram. Eles tinham apenas algumas metralhadoras e pistolas como armas, mas tinham também a surpresa do lado deles. Estavam tão escondidos atrás do *Minerve* que o submarino francês não poderia ouvi-los devido ao barulho do seu próprio motor.

Enquanto os homens se preparavam para chegar ao topo e invadirem o *Minerve*, um operador de rádio, a alguns metros de distância, sentou-se a pressionar com uma mão um auscultador contra o ouvido. — Transmissão intercetada — disse ele, com um tom sombrio. — O *Minerve* irá permanecer submerso até chegar ao canal.

Esta era uma má notícia.

— Não podemos abordá-los à vista da costa — apontou um especialista em tática. — Teremos a Força Aérea francesa em cima de nós antes mesmo de podermos encontrar os materiais.

— Poderíamos colocar-lhes uma bomba num dos lados do casco e acabar com eles — sugeriu o especialista.

O capitão abanou a cabeça. — As nossas ordens são para reaver os materiais roubados a todo o custo. Estas ordens vêm diretamente do *Knesset*<sup>2</sup> e do primeiro-ministro. Só vamos afundar o *Minerve* se corrermos o risco de sermos destruídos.

---

<sup>2</sup> «Parlamento», em hebraico. (N. do T.)

— Mas nós não podemos abordar um navio que esteja submerso — observou o especialista em tática.

Gideon continuou o discurso. Tinha vindo a considerar o problema há já algum tempo. — Então teremos de os forçar a emergir.

A bordo do *Minerve*, Cheval tamborilava com os dedos sobre a mesa das cartas marítimas, permanecendo onde estivera durante a discussão com Lukas.

Com intervalos de minutos, olhava para o relógio e para a posição da embarcação. Ambos pareciam andar a passo de caracol.

— Quanto tempo falta até chegarmos ao canal? — perguntou ele.

O capitão olhou na sua direção e depois voltou-se quando o som violento de metal a ser torcido percorreu o submarino.

O que deveria ter sido um impacto foi logo seguido por uma onda de sucção que retirava o ar da cabine, fazendo com que os ouvidos estalassem e os seios nasais comesçassem a doer. Indicadores amarelos e vermelhos acenderam-se no painel de controlo e a sucção piorou.

— É o *snorkel* — informou o oficial de mergulho. — As válvulas estão fechadas. Uma avaria total.

O *snorkel* fora concebido com um ponto de corte de emergência que selava o tubo de respiração se a água tentasse entrar nele. Com o *snorkel* fechado, os agitados motores a *diesel* eram forçados a sugar o ar do único local em que o poderiam obter, do casco interior do submarino.

— Eu pedi mais três metros acima da superfície — disse o capitão, referindo-se à altura em que o *snorkel* deveria estar acima das ondas.

— Estamos a navegar a essa profundidade — insistiu o oficial de mergulho.

Ou o tempo piorara subitamente e as ondas tinham-se tornado mais altas, ou algo no *snorkel* falhara.

Todos os homens na sala de controlo olharam para cima, contando os segundos e esperando que o *snorkel* ficasse desentupido.

Cheval sentiu um acesso de náusea, em parte devido ao medo, em parte devido à diminuição da pressão. Olhou para o relógio, dessa vez verificando o ponteiro dos segundos. Trinta tinham passado, depois quarenta. A situação não fora corrigida.

— Água no tubo do periscópio — anunciou um dos sargentos.

— A selagem superior deve estar rachada.

Cheval não conseguia pensar em nada mais assustador do que em água a inundar um navio submerso, mesmo se fosse apenas um fio. Considerou o som de metal a ser arrancado, o tremor na sala de controlo. — Devemos ter embatido em qualquer coisa — disse ele. — Precisamos de ir à tona.

Para surpresa de Cheval, o capitão concordou com ele. — Detritos flutuantes, talvez — disse ele. — Precisamos de chegar à superfície.

O oficial de controlo de mergulho encheu os tanques de ar e mudou o ângulo nos planos. O *Minerve* começou a emergir, com a proa para cima. Cheval reparou em água a escorrer pelo tubo do periscópio. Verificou a profundidade, viu que estavam a subir e suspirou de alívio quando sentiu o submarino a irromper à superfície e a ficar nivelado.

Um segundo estrondo soou e a sucção desapareceu, fazendo com que os ouvidos de Cheval voltassem a estalar. — Aberturas principais abertas — informou um dos homens.

— Motores a respirar ar do exterior.

— Para a frente um quarto — ordenou o capitão. — Vou lá acima ver que tipo de danos sofremos.

Com o primeiro-oficial a comandar, o capitão liderou um grupo de controlo de danos na torre de comando, abrindo as escotilhas internas e externas.

A luz do dia entrou, cinzenta e monocromática, mas bonita. Enquanto as pernas do último homem subiam pela escotilha, Cheval olhou com ciúmes para a abertura. Sem pensar ou pedir permissão, pôs um pé na escada e começou a subir.

Chegou ao topo, pôs a cabeça de fora e parou em choque.

O periscópio e o *snorkel* estavam dobrados para o lado, num ângulo de trinta graus. O aço fora torcido e deformado pelo impacto. O compartimento da antena fora arrancado.

Mais estranho ainda, o capitão e a equipa de controlo de danos não estavam a examinar tudo isso para o poderem reparar, pois tinham armas apontadas.

Homens vestidos de preto com metralhadoras tinham-nos forçado a ajoelhar-se. Dois barcos insufláveis a motor estavam a arrancar atrás deles, dirigindo-se para a proa de outro submarino.

Antes que ele pudesse processar o que via e reagir, Cheval foi puxado para cima e atirado contra a antepara da torre de comando. Um homem corpulento, com a barba hirsuta, encostou-lhe a ponta de uma metralhadora ao peito. — Nem um pio, se queres ficar vivo.

Cheval assentiu em jeito de concordância. Ele sabia instintivamente quem eram esses homens, quem teriam de ser. — Você é israelita.

— Chamo-me Gideon — disse o homem barbudo, balançando a cabeça enquanto falava. — A julgar pela falta de uniforme, o senhor deve ser um dos cientistas franceses. O que significa que deve saber bem o que queremos.

Cheval hesitou, não por desafio, mas por puro choque. — Sei o que querem — admitiu ele.

— Pois bem — retorquiu Gideon. — Desça a escada primeiro. Se fizer qualquer coisa estúpida, será o primeiro a morrer.

Cheval levou-os para o interior do submarino, descendo a escada o mais calmamente possível. A meio caminho, Gideon deu-lhe um pontapé que o fez deslizar pelas escadas abaixo. A queda agiu como uma distração e a tripulação no centro de comando estava a observar quando Gideon e outro comando deram um salto e pousaram no convés.

Com as metralhadoras apontadas e a tripulação de pé, não havia como resistir.

— Temos o vosso capitão — anunciou Gideon. — Estamos aqui para reaver o que nos roubaram. Ninguém será prejudicado se cooperarem.

À medida que o *Minerve* oscilava nas ondas, comandos adicionais desceram a escada. Deixando dois homens a guardar a sala de controlo, Gideon forçou Cheval a levá-los mais para o interior no submarino. Recolhiam mais reféns em cada compartimento, surpreendendo a maioria dos homens nas suas cabines. Os comandos franceses também foram cercados. Todos, exceto Lukas.

— Mantenham os outros sob vigilância — ordenou Gideon. — Enviem dois homens para encontrar esse tal Lukas e matem-no assim que o virem.

Quando os homens se afastaram, Cheval levou Gideon até aos aposentos de Ben-Avi e soltou este. — Viemos, para que pudesse regressar connosco a Israel — disse Gideon a Ben-Avi. — Mas não sem os materiais.

— Não faço ideia onde possam estar — retorquiu Ben-Avi.

Gideon virou-se para Cheval. — Onde estão as culturas bacterianas?

— No refeitório.

Cheval levou-os até ao refeitório, com Gideon, Ben-Avi e outro dos israelitas mesmo atrás dele. Entraram na sala, onde se encontravam vários cilindros de aço inoxidável, com faixas pretas em volta de cada extremidade.

Gideon afastou Cheval para o lado e enviou Ben-Avi para verificar o equipamento.

— Esta é a estirpe principal — informou Ben-Avi, verificando o primeiro recipiente. — E esta é...

Antes de terminar o que ia dizer, ouviu-se o matraquear de uma arma automática. Ben-Avi caiu sob uma chuva de projéteis. Balas em ricochete saltaram em redor do refeitório e todos se atiraram para o chão para se protegerem.

— Canto direito, perto das arcas congeladoras — gritou o outro comando.

Cheval estava no chão, a tentar proteger-se, enquanto Gideon continuava a disparar com a sua arma. Quando Cheval olhou para cima, Lukas estava morto, deitado no convés, numa poça formada pelo seu próprio sangue. A uma curta distância, Ben-Avi não se encontrava muito melhor.

Cheval correu para ele e tentou examinar-lhe ou parar-lhe a hemorragia. — Sinto muito — disse ele. — Isto é tudo culpa minha. Por favor, perdoe-me.

Ben-Avi olhou para lá de Cheval, como se ele não estivesse ali. Ainda mexeu os lábios para dizer qualquer coisa, mas nunca chegou a pronunciar uma palavra.

Com o submarino sob controlo, o primeiro lote de materiais e alguns prisioneiros a caminho do *Dakar*, Gideon contactou o capitão e recebeu más notícias.

— Aeronaves francesas no radar, dirigindo-se na vossa direção. Não temos a certeza quanto às intenções. A nossa fuga pode ser mais difícil do que o esperado. Estamos a submergir e vamos partir imediatamente. Você e os seus homens devem permanecer no *Minerve* e levá-lo para Israel.

Gideon pareceu surpreendido. — E vamos comandar o submarino?

— Não vou enviá-lo para o fundo com a tripulação a bordo, nem posso colocá-los em barcos salva-vidas ou deixar que naveguem até ao porto, informando toda a gente acerca da nossa presença. Temos de ficar com a embarcação. Mandaremos os marinheiros para casa assim que chegarmos a Haifa.

— Na ausência de destroços, os franceses irão suspeitar — insistiu Gideon. — Não tardarão até virem investigar.

— Façam o possível para enganá-los — disse o capitão do *Dakar*. — Despejem um pouco de combustível e atirem com alguns coletes salva-vidas e outros materiais para o mar. Em seguida, mergulhem e sigam para sul. Felizmente, eles pensam que o *Minerve* se perdeu.

— E se o vierem procurar?

— Eles virão é à nossa procura — respondeu o capitão. — De qualquer modo, dois submarinos dão-nos mais hipóteses de devolver os materiais a Israel do que apenas um. No entanto, se pelo menos um de nós o conseguir, Israel ficará mais seguro do que está hoje.

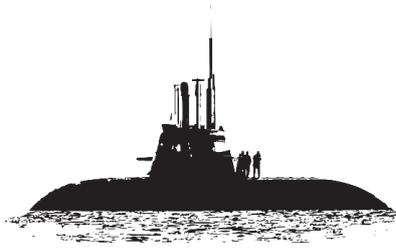
Gideon teria preferido afundar o *Minerve*, com ou sem a tripulação a bordo. Não tinha vontade de liderar a tripulação francesa à mão armada. Havia muitas maneiras de sabotar a embarcação, muitas coisas que poderiam correr mal. Ainda assim, fez como lhe tinha sido pedido, despejando mil e quinhentos litros de *diesel* e atirando ao mar tudo o que pudesse flutuar e assemelhar-se a destroços.

A tentativa de fazer com que os franceses pensassem que o seu submarino se afundara durou apenas alguns minutos. Logo que a concluíram, estavam prontos a partir.

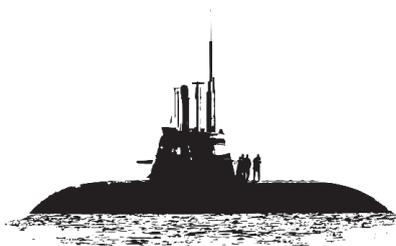
Quando os submarinos se afastaram, o *Dakar* sinalizou *Boa sorte* com uma lanterna de pilhas e depois submergiu.

O *Minerve* mergulhou menos de dois minutos mais tarde. Nenhum dos submarinos voltaria à superfície.

**PARTE DOIS**  
**INFERNO**



### 3



*GOLFO DO MÉXICO*  
*NOS DIAS DE HOJE*

RICK L. COX ESTAVA NA SALA DE OPERAÇÕES DA PLATAFORMA PETROLÍFERA Alpha Star, dez andares acima da água.

Cox era um *encarregado de plataforma*, o que queria dizer que supervisionava todas as atividades de perfuração. Era um trabalho que ele adorava e, depois de trinta anos no ramo do petróleo, adquirira um sexto sentido sobre as coisas. De momento não precisava da sua intuição. Uma vista de olhos no painel disse-lhe que um dia de mau tempo estava a piorar.

As percentagens de fluxo e os níveis de pressão nos oleodutos encontravam-se desregulados. E estavam desregulados na direção errada. Abaixo do nível e a descer ainda mais, embora a plataforma Alpha Star e duas das suas irmãs estivessem a bombear enormes quantidades de água filtrada para o fundo do mar, para pressurizarem o reservatório de petróleo e forçarem o ouro negro e o gás natural para a superfície.

— Isto não pode estar a funcionar bem — disse Cox a um elemento da equipa. — Quanta água estamos nós a bombear?

— Já nos encontramos no limite da capacidade — gritou-lhe um dos técnicos. — Todas as bombas estão a funcionar em plena capacidade.

Mesmo assim, eles estavam a registar apenas um fluxo fraco de gás natural e nenhum petróleo.

Cox inclinou para trás o capacete, exigido pela OSHA<sup>3</sup>, para coçar a cabeça e, em seguida, pegou num rádio. A Alpha Star estava a trabalhar em colaboração com duas outras plataformas para aproveitar um reservatório em extinção no mar. Talvez essas outras não o estivessem a informar devidamente.

— Alpha Dois, responde — disse Cox no rádio.

— *Aqui Alpha Dois* — respondeu uma voz, com um saudável sotaque do Sul. — *Estou a ouvi-lo, alto e bom som.*

— Qual é a sua pressão de injeção?

— Estamos mesmo a chegar à linha vermelha.

Cox voltou a pressionar o botão para falar. — Alpha Três, será que nos pode dar mais pressão?

O capataz da terceira plataforma respondeu sem hesitar: — *Nós também já estamos aqui no máximo, chefe. Se esse petróleo não começar a sair dentro de pouco tempo, teremos de recuar.*

— Cabe-me a mim decidir acerca disso. — Cox voltou a olhar para os medidores. — Mantenham a pressão elevada. Os geólogos insistem que há um oceano de petróleo lá em baixo. Nesse caso, teremos de o forçar a sair. Vou perfurar mais trinta metros. Isso irá de certeza resolver a questão.

Quando Cox parou de falar, olhou para Leon Nash, um dos especialistas em trabalhos pesados da sua equipa. — Baixe a broca mais trinta.

Nash hesitou. — A rapaziada está um pouco preocupada, chefe. Ninguém quer um *blowout*<sup>4</sup>.

Cox ignorou o comentário. — Temos medidas em vigor. Basta verificar o ângulo da broca e perfurar mais trinta metros.

Nash não discutiu mais. Com muito cuidado, verificou duas vezes a configuração e reativou a broca. No centro da enorme plataforma de petróleo, um cano grosso começou a girar. Duzentos metros abaixo, uma broca de metal duro começou a escavar mais fundo na terra, agitando-se através da lama, do sal e das camadas de rocha porosa. A lama começou a correr pelo cano, mas nada mais.

— Quinze metros — anunciou Nash. — Vinte metros.

— Encontraram qualquer coisa?

— Não há aumento no fluxo — retorquiu Nash.

<sup>3</sup> Acrónimo de *Occupational Safety and Health Administration*, ou seja, Administração de Segurança e Saúde Ocupacional dos EUA. (*N. do T.*)

<sup>4</sup> Fluxo descontrolado de gás e água a saírem de uma reserva petrolífera devido a uma falha no sistema. (*N. do T.*)

Cox ficou intrigado; por essa altura deveriam estar mesmo em cima do petróleo ativo. — Cuidado agora — urgiu ele. Se o petróleo lá se encontrasse, estaria sob uma grande pressão, para além da pressão da água que estava a ser bombeada por baixo dele. Tocá-lo diretamente poderia resultar numa libertação repentina, também conhecida como *blowout*. Era como abrir uma garrafa de refrigerante depois de a termos sacudido vigorosamente.

— Faltam dez metros — indicou Nash. — Seis...

As agulhas no painel tremeram. A pressão na grelha de recolha começou a subir.

— Parem a perfuração — disse Cox.

— Temos líquidos e gás no oleoduto — informou Nash, erguendo o punho. — A pressão está a subir.

Os especialistas em trabalhos pesados, que estavam atrás deles, aplaudiram.

Antes que Cox se pudesse juntar a eles, uma série de indicadores no seu ecrã passaram do verde a amarelo.

No mesmo instante, o rádio fez-se ouvir. — *Acumulação de pressão na grelha de recolha* — anunciou o capataz da Alpha 2. — *Estamos a receber aqui uns números tremendamente altos.*

Cox podia vê-lo. Voltou-se para Nash. — Ainda está a perfurar?

— Negativo.

A conversa no rádio aumentou. Em breve, Alpha 2 e Alpha 3 estavam a falar ao mesmo tempo.

— *Dez mil psi<sup>5</sup> e a subir.*

— *Acumulação de calor na conduta principal.*

— Desliguem os injetores — ordenou Cox.

As alavancas que estavam abertas foram fechadas e o som das bombas a gemer, numa parte distante da plataforma, esmoreceu. Sem mais água a ser bombeada para a rocha subjacente, a pressão deveria ter estabilizado. Mas tal não aconteceu.

— *Doze mil psi* — relatou Alpha 2. — *Treze...*

Cox não precisava daquela informação recorrente. Podia vê-la mesmo diante dele. Os indicadores amarelos começaram a piscar e depois mudaram para um vermelho raivoso.

— Falha na válvula de corte — disse Nash do outro lado da sala. — Pressão na conduta principal a cinco mil. Ventilem os canos ou toda a conduta irá explodir.

---

<sup>5</sup> *Pound force per square inch*, uma medida também usada em português. (N. do T.)

Cox não teve outra escolha. Pressionou o botão de emergência para pôr fim à pressão.

Abaixo da plataforma, uma rede de condutas cruzadas ligava as plataformas petrolíferas entre si e a grelha de recolha. Em pontos críticos ao longo da rede, grandes válvulas abriram-se para libertar a pressão do petróleo para o mar.

Tal ação deveria ter provocado uma libertação maciça, mas inofensiva de bolhas, à medida que o gás natural fosse subindo, espalhando-se e diluindo-se, enquanto subisse até à superfície. Em vez disso, ouviu-se um trovão através da plataforma.

— *Temos fogo na água* — anunciou Alpha 2.

No espaço entre as duas plataformas, uma chama alta e enorme irrompeu do mar. Espalhou-se serpenteante pela superfície, unindo-se a outras ondas de fogo e não demorando a dominar por completo as três plataformas.

— Selem a plataforma — ordenou Cox.

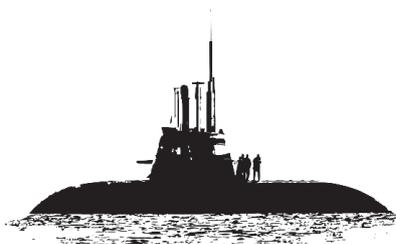
As portas de todos os compartimentos foram fechadas contra o fumo e as chamas, mas, ao selarem a plataforma, um estremecimento ocorreu através dela vindo de um local mais baixo. Sacudiu o chão e fez com que os joelhos de todos perdessem a força.

— Ponto de pressão no poço — gritou Nash. — Falha de *blowout*.

Esta era, sem sombra de dúvidas, a pior notícia. Significava que uma explosão de gás ocorrera para lá da broca e estava a viajar pelo buraco que eles tinham perfurado.

O manómetro de pressão quase rebentou. A bolha de gás eclodiu através da válvula de segurança e dirigiu-se para cima, para o coração da plataforma. Acendeu-se no instante em que entrou em contacto com o ar, deflagrando no centro da plataforma petrolífera como uma bomba de quinhentas toneladas.

## 4



AS ÁGUAS COR DE SAFIRA DO GOLFO DO MÉXICO CERCARAM KURT AUSTIN, impulsionando-o enquanto movia as pernas ritmicamente. Tinha um fato de mergulho e barbatanas, mas nenhum equipamento, enquanto nadava em direção a um submersível que balançava à tona a alguns metros de distância.

Um indivíduo de cabelo escuro estava sentado no nariz do pequeno submarino. — Já era tempo de apareceres — disse Joe Zavala. — Estava prestes a ligar para a Artilharia Antiaérea.

Kurt alcançou a pequena embarcação e agarrou-se a uma pega, flutuando ao lado dele em água morna. — Não terias dinheiro para isso.

O facto era que o submersível não estava a mais de cem metros do seu navio-mãe, a embarcação *Raleigh* da NUMA<sup>6</sup>, um navio com sessenta metros de comprimento repleto de instrumentos científicos, operado pelo empregador comum de Kurt e Joe, a Agência Nacional Marinha e Submarina.

— Que aconteceu? — perguntou Kurt. — Deverias estar a fazer um mergulho de duas horas. Pelas minhas contas, só lá estiveste trinta minutos.

— Atingi alguma coisa — retorquiu Joe. — Ou, mais precisamente, algo me atingiu no lado de baixo do casco.

— Alguns danos?

— Não tenho a certeza.

---

<sup>6</sup> Em inglês, *National Underwater and Marine Agency*. (N. do T.)

Kurt sabia que Joe precisava de permanecer no submersível para ajudar que este se agarrasse ao *Raleigh*. — Atira-me uma máscara — disse ele. — Vou dar uma vista de olhos.

Joe retirou a máscara de mergulho do seu *kit* e atirou-a a Kurt. Este, depois de ter ajustado as tiras, respirou fundo e mergulhou sob a pequena embarcação. A proa do submersível parecia estar bem. Alguns palmos mais atrás, encontrou uma marca no casco. Passando a mão sobre a mesma, Kurt decidiu que era algo orgânico. Alguns peixes maiores ou mamíferos marinhos tinham embatido no submersível. Isso acontecia ocasionalmente.

Ainda sustendo a respiração, Kurt continuou até à popa, à procura de mais danos. Estava prestes a emergir quando se apercebeu de uma sensação estranha, como se alguém lhe tivesse dado uma pancada no peito. Ao mesmo tempo, uma onda de pressão atingiu-lhe os ouvidos enquanto passava.

Emergiu, agarrou na pega e retirou a máscara.

— Sentiste aquilo?

Joe estava agora de pé, a olhar para o horizonte. — Não, mas vi-o — respondeu ele. — Uma onda de choque a correr pela superfície. Estás bem?

— Foi como se uma mula me tivesse dado um coice, mas estou bem.

— Kurt subiu para o submersível e sentou-se ao lado de Joe. — Poderia ter sido qualquer coisa de origem sísmica.

— Creio que não — respondeu Joe, apontando para o horizonte. Um rasto de fumo subia para o céu a leste da posição deles.

As ondas de som e de choque viajavam quatro vezes mais rapidamente, e quatro vezes mais longe, na água do que no ar. Quase um minuto depois de Kurt ter sentido a onda de pressão debaixo de água, um trovão ecoou sobre eles vindo de longe.

— Estamos muito afastados para o ouvir e sentir — apontou Joe.

Kurt fez alguns cálculos aproximados. — Vinte quilómetros — sugeriu ele —, mais ou menos. Que é que há por aí?

— Apenas plataformas de petróleo — informou Joe.

Olhares sombrios afloraram-lhes no rosto. Joe voltou a meter-se no submersível, sentou-se na cadeira de comando e ligou o motor.

Kurt entrou e caiu ao lado dele, agarrando no rádio.

— *Raleigh*, fala Austin — disse ele. — Preparem-se para uma recolha. E entrem em contacto com a Guarda Costeira. Tenho a impressão de que a nossa assistência irá ser necessária.

...

Vinte minutos depois, Kurt e Joe estavam na ponte do *Raleigh* com o microfone do navio na mão de Kurt. A embarcação já estava a navegar a toda a velocidade, seguindo em linha reta para o inferno à distância.

A estimativa de Kurt de vinte quilómetros tinha sido quase exata.

A plataforma petrolífera Alpha Star estava a arder a dezoito quilómetros de distância. Segurando o microfone junto da boca, Kurt ajustou a frequência e pressionou o botão de transmissão. — Alpha Star, fala *Raleigh*. Estamos a chegar para prestar ajuda. Por favor, informem-nos da vossa situação.

Kurt tinha mais de um metro e oitenta de altura, uma constituição robusta, um maxilar quadrado e um emaranhado de cabelo grosso prematuramente prateado. Bronzeado devido aos dias passados na água e por anos de exposição aos elementos, parecia mais velho do que a idade que tinha, embora tivesse trinta e poucos anos.

Era o chefe dos Projetos Especiais da NUMA, um ramo do governo federal conhecido por tomar medidas quando as chamadas lhe chegavam, especialmente em situações como a atual.

Mudou de frequência e enviou a mesma mensagem. Não houve resposta. — Nada nos canais regulares ou de emergência.

À sua frente, o capitão do *Raleigh*, Kevin Brooks, aceitou a informação estoicamente. — A Guarda Costeira relata três plataformas em chamas — disse ele. — Duas delas estão a ser evacuadas. Mas a Alpha Star está no meio de um verdadeiro inferno.

— Tem de haver ajuda a caminho — sugeriu Joe.

— E bastante — retorquiu Brooks. — Mas nós somos o navio mais próximo. Aquela plataforma petrolífera já estará transformada num monte de metal derretido quando alguém lá chegar.

Kurt dava-se conta de que deveria ser esse o caso. — Vamos ver se as coisas são assim tão más.

Colocando o microfone no descanso, ligou o monitor e pressionou algumas teclas. O ecrã estava ligado a duas câmaras de alta potência, na parte superior do mastro da antena do *Raleigh*. As câmaras tinham lentes de longo alcance e sensores óticos de alta potência que lhes permitiam ver através de muitos comprimentos de onda, simultaneamente. Conseguiram distinguir uma placa de matrícula de automóvel a dois quilómetros da costa e encontravam-se estabilizadas em suportes giroscópicos, que permitiam obter vídeos contínuos e muito nítidos, mesmo quando o navio se inclinava e oscilava.

Quando Kurt focalizou as câmaras, o inferno surgiu. A plataforma da Alpha Star estava meio envolta em fumo escuro e a arder em todos os lugares que podiam ser vistos. Apenas o equipamento superior permanecia intocado.

— É pior do que eu pensava — observou Brooks. — Não é de admirar que eles não consigam responder.

— Existe um ângulo estranho na plataforma — apontou Joe. — Está a inclinar-se. Tem de estar a meter água na parte de baixo. Precisamos de lá chegar antes que se vire como uma tartaruga.

Kurt ajustou a câmara, afastando-se. No plano mais amplo, conseguiram ver fogos furiosos através de todo o mar, cercando a Alpha Star e as outras duas plataformas. — Teremos de navegar através do fogo para o fazermos — observou Kurt.

O capitão olhou para o ecrã. — Vocês sabem que, provavelmente, eles estarão todos mortos.

— Talvez estejam — afirmou Kurt. — Mas se houver sobreviventes, não irão conseguir sair de lá sem a nossa ajuda.

O capitão Brooks tinha de pensar na segurança da sua própria equipa, mas não hesitou. Agarrou no microfone e mudou o seletor para o intercomunicador interno do navio.

— Chamo a atenção de todos, fala o capitão — disse ele. — Estamos a levar este navio para um grande incêndio. É como se estivéssemos a entrar num tufão de nível dez. Preparem-se para receber baixas e prestar assistência.

Kurt anuiu com a cabeça para o capitão e deu outra vista de olhos ao ecrã. Os incêndios eram imensos. O fumo já atingira três quilómetros de altura e estava a dirigir-se para a Florida.

— Eu posso levar-vos lá — disse Brooks. — Mas que diabo irão vocês fazer depois?

— Nada em terra — explicou Kurt. — Somos homens do mar.

Com essa observação, voltou-se e saiu. O capitão Brooks sabia que não deveria contrariar o que quer que Kurt tivesse em mente. A reputação dele era demasiado conhecida para que o tivesse tentado. Alguns chamavam-lhe corajoso; outros, teimoso, imprudente e insensato, mas ninguém duvidava dele. Se alguém pudesse atravessar aqueles fogos e arrancar alguns sobreviventes àquele inferno, seria Kurt Austin.